

TER_Miriam Leitão_QUI_Miriam Leitão_SEX_Rogério Werneck (quicronal)_Fabio Giambiagi (quicronal)_SAB_Carlos Góes (quicronal)_Cláudio Ferraz (mensal)_Vilma Pinto (mensal)_DOM_Miriam Leitão

PANORAMA ECONÔMICO

oglobo.com.br/economia/miriamleitao
alvaro.gribel@oglobo.com.br
Por Alvaro Gribel



Chuvas aliviam a conta de energia

As chuvas mais intensas neste período úmido estão longe de resolver todos os problemas do setor elétrico, mas devem trazer algum alívio para as contas de energia. A expectativa é que o nível de água dos reservatórios do Sudeste/Centro-Oeste chegue ao final de abril em torno de 50%, o que levaria o governo a diminuir o despacho das termelétricas mais caras. Com isso, o consumidor poderá começar a pagar parte da dívida que carrega junto às distribuidoras, estimada em R\$ 14 bilhões até novembro.

—A bandeira tarifária vai continuar sob regime de escassez hídrica até abril. Como as térmicas mais caras devem ser desligadas, o consumidor já vai poder começar a pagar o

que deve às distribuidoras, podendo até diminuir o valor do empréstimo autorizado pelo governo — explicou o consultor Luiz Augusto Barroso, da PSR Energy.

O presidente Jair Bolsonaro tem adiado a assinatura do decreto que estabelece as regras para esse empréstimo que os consumidores vão tomar para pagar as distribuidoras. No setor, comenta-se que o TCU está incomodado com a medida em ano eleitoral, porque seria uma forma de manipulação da inflação. Como mostrou ontem a Agência Infra, uma auditoria interna do Tribunal apontou uma série de falhas na condução da crise hídrica pelo governo e questionou a MP que autorizou o empréstimo sem apresentar contas e impactos tarifários.

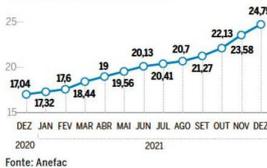
O presidente da Abradee, associação que representa as distribuidoras, Marcos Madsen, diz que as empresas estão apreensivas, mas esperam que o decreto seja de fato editado nos próximos dias.

—A gente espera que esses recursos já possam entrar no caixa em fevereiro. Houve uma alta forte de custos e as distribuidoras são apenas intermediárias entre as geradoras e os consumidores. É uma situação crítica — afirmou.

O setor defende o empréstimo e diz que isso também está sendo feito em países da Europa. Mas o fato é que Bolsonaro irá repetir o governo Dilma e obrigará o consumidor a pagar não só a alta da energia, mas os juros do financiamento.

JUROS PARA AQUISIÇÃO DE VEÍCULOS

Pessoas físicas, em % ao ano



Fonte: Anefac

DINHEIRO MAIS CARO

O gráfico ao lado explica por que o presidente da Anfavea, Luiz Carlos Moraes, está cauteloso com o ano de 2022 mesmo com uma projeção de 8% de alta na produção de veículos. Os juros para o financiamento automotivo dispararam em um ano, saindo de 17%, em dezembro de 2020, para 24,75% em dezembro de 2021, segundo levantamento da Anefac. Os bancos sobem os juros porque o Banco Central eleva a Selic e porque está crescendo o risco de inadimplência, com o baixo crescimento da economia.

LULA PODE GANHAR O MERCADO

Não está difícil para o ex-presidente Lula angariar apoio do mercado financeiro. Segundo o economista-chefe de um grande banco internacional com atuação no Brasil, os investidores já começam a traçar cenários para a sua volta e esperam apenas que ele não repita os erros de sua sucessora na economia. “A gente sabe que o Lula era crítico da política fiscal da Dilma”, disse. Ainda assim, ninguém espera um aceno de Lula agora, até porque isso poderia aliviar o dólar e beneficiar o presidente Jair Bolsonaro. “O mercado quer saber se o país vai quebrar ou não. Isso é mais importante que o nome. Acho que Lula tem 75% de chances de se eleger”, disse.

INCERTEZA DERRUBA AS BOLSAS

Ontem foi dia de mercados no vermelho, repercutindo o aumento das incertezas neste início de ano. Há o crescimento no número de casos de Covid em todo o mundo, com risco de novos lockdowns na China, podendo afetar as cadeias de produção. Mas o que mais pesou foi o aumento dos juros dos títulos americanos. Desde a virada do ano, eles saltaram de 1,5% para 1,8%, para títulos de 10 anos, atraindo investidores para a renda fixa e derrubando ativos de risco, como as ações das empresas nas bolsas.

Miriam Leitão está de férias.

AVANÇO DE ÔMICRON E INFLUENZA

Turismo soma perdas com cancelamento do carnaval de rua

Foliões e viajantes cancelam reservas em pousadas, e comércio suspende encomendas de fantasias e adereços

JULIA NOIA
julia.noia@oglobo.com.br

O cancelamento do carnaval de rua em várias cidades, em decorrência do aumento de casos da variante Ômicron, foi um “banho de água fria” para o setor de serviços. Até sexta-feira, nove capitais — Rio, São Paulo, Salvador, Recife e Olinda —, além do Distrito Federal, suspenderam a festa. Pousadas relatam cancelamento de reservas, bares e restaurantes preveem faturamento menor e lojas de fantasias já amargam prejuízos. O presidente da Federação

Brasileira de Hospedagem e Alimentação (FBHA), Alexandre Sampaio, projeta queda de 20% a 25% no faturamento em relação a antes da pandemia:

—Os preços vão cair e é possível que a gente não consiga uma boa ocupação. Estamos preocupados, principalmente onde tem muito turismo de folia, como Salvador e Rio.

O aperto já chegou na Pousada da Villa Tropical, em Salvador, que, no dia seguinte à suspensão da festa, registrou o cancelamento de seis dos sete pacotes fechados para a data, todos de turistas de Argentina

e Chile. Antes da pandemia, chegava à lotação total já nos primeiros dias de janeiro.

O dono da pousada, Giuseppe Cavaliere, conta que, em três semanas, a procura por reservas caiu 90%. Com medo de ficar com ocupação baixa no feriado, avalia descontos de até 50% nos pacotes:

—Se chegar perto da data e ainda estiver com quartos vazios, posso até colocar sem o preço especial de Carnaval.

Localizado no centro histórico de Olinda, o Hotel 7 Colinas é procurado por quem quer aproveitar o carnaval de rua nas famosas ladeiras, e o



Sem adereço. Poucas fantasias na vitrine de armário na Saara, no Centro do Rio

impacto da decisão será enorme, diz o gerente-geral Johnata Mendes. Ele prevê queda de 50% nas reservas. — Já tínhamos uma expectativa de lotação abaixo de 100%, porque víamos a população recuada. Estávamos com 60% das reservas fechadas para o carnaval, e esperamos que o número caia para

30% — afirma Mendes, que estuda a possibilidade de reduzir valores dos pacotes.

A falta do carnaval de rua afeta centros comerciais, como Saara, no Rio, e 25 de Março, em São Paulo. O presidente da Saara, Eduardo Blumberg, espera retração de 30% a 40% na receita em 2020. O impacto é maior para lojas que ven-

dem adereços para o carnaval, como o Clube das Festas.

— Esperei a decisão da prefeitura para fechar minhas importações, e tive de reduzir drasticamente a compra de fantasias e investir em itens para decoração, para festas em casa — explica a dona da loja, Mariana Ramalho, que agora prevê redução no faturamento de 30% a 40% ante 2019.

Em São Paulo, que cancelou a festa de rua na quinta-feira, o comércio popular da 25 de Março deve registrar queda de até 50% em comparação com o carnaval de 2020, avalia Marcelo Semaan, diretor da União de Lojistas do polo. E para os ambulantes, que têm pico de vendas na data, a suspensão é um “terror”, avalia Valdira Silva, diretora da União Nacional dos Trabalhadores Ambulantes em São Paulo:

— A classe sofreu muito com a Covid-19.

Sampaio, da FBHA, afirma que muitas cidades, como não tiveram réveillon forte, tinham grande expectativa para a folia nas ruas:

—Dojeito que fomos abalados, vamos ter um ano de dura negociação com consumidores.

Impacto do aumento de casos já afeta a indústria

Montadoras relatam maior número de faltas ao trabalho, empresas de infraestrutura em TI e do setor têxtil também veem mudança

JOÃO SORIMA NETO
joao.sorima@oglobo.com.br
SÃO PAULO

A indústria também começa a sentir os efeitos do aumento de casos de Covid-19 e de influenza. Nas montadoras de veículos do país, não foram registradas paralisações nas linhas de produção por causa da alta de casos das duas doenças, como ocorreu em 2020. Desde dezembro, no entan-

to, com o surto de gripe, cresceu o número de faltas, segundo informa a Anfavea, associação que representa as montadoras.

O absenteísmo cresceu primeiro no Rio de Janeiro e depois se espalhou para os demais estados. As montadoras que já estavam voltando ao trabalho presencial, na parte administrativa, estão retomando o home office. Só devem ficar no pre-

sencial o chão de fábrica e serviços considerados essenciais.

EXPOSIÇÃO NO TRANSPORTE

Ainda segundo a Anfavea, as montadoras reforçaram as medidas sanitárias que vinham sendo adotadas desde 2020, como distanciamento em refeitórios e linhas de produção, além de reforçar a limpeza de vestuários e maquinário.

O presidente da Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (Abit), Fernando Pimentel, disse que a maioria das fábricas do setor têxtil está voltando agora das férias coletivas, mas algumas empresas estavam operando e registraram casos. Ele avalia que certamente a indústria têxtil será afetada pelo aumento dos casos de gripe e Covid-19, mesmo com to-

dos os protocolos, já que as pessoas utilizam transporte público para chegar ao trabalho.

Em áreas em que é possível, será preservado o trabalho em home office para evitar o crescimento do número de infectados.

— Nunca houve um volta plena ao presencial. O home office veio para ficar, não integralmente, mas de forma híbrida — afirmou Pimentel.

Vivien Suruagy, presidente da Federação Nacional de Instalação e Manutenção de Infraestrutura de Redes de Telecomunicações e de Informática (Feninfra), afirma que houve um aumento exponencial nas últimas três semanas de cinco vezes nos casos de Covid e influenza nos trabalhadores do setor.

— A estimativa é de crescimento de casos — diz ela.

A Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) informou que não tem levantamento sobre paralisações da produção por conta de aumento de casos das duas doenças.

Voo aeromédico em alta

> Enquanto os voos comerciais estão sendo cancelados pelo avanço dos casos de Covid-19 e influenza nas tripulações, a procura por voos aeromédicos voltou a subir, refletindo a alta nos casos da doença neste início de 2022.

> Esses voos têm como passageiros não apenas pessoas infectadas que

enfrentam complicações da Covid-19. Podem ser também pacientes com sintomas leves que buscam tratamento médico em outra localidade ou repatriação, no caso de turistas estrangeiros.

> Apenas a Brasil Vida Táxi Aéreo, referência no transporte de enfermos no país, já realizou o traslado

de 15 pessoas com diagnóstico positivo para a Covid-19 nestes primeiros dias de janeiro. O número já se aproxima do total registrado em outubro, quando foram 17 voos desse tipo.

> Para o enfermeiro Gilberto Júnior Santos da Silva, coordenador aeromédico na Brasil Vida

Táxi Aéreo, o aumento do número de viagens feitas por causa da Covid acende um alerta, ainda que os casos atendidos atualmente não sejam tão graves:

> Em janeiro de 2021, tivemos 196 voos por causa da Covid. Essa curva começou a diminuir só no segundo semestre e quando acha-

mos que tudo normalizaria, veio a grande preocupação com este aumento crescente. Se continuarmos nessa mídia, devemos fechar janeiro com cerca de 45 voos.

> Ele diz que a preocupação é com os meses seguintes. O custo de fretamento parte de R\$ 40 mil para voo particular. (Fernanda Trisotto)

